



PALMAS E SUAS VICISSITUDES VOCACIONAIS

A cultura vocacional

1. Estamos prestes a completar 29 anos de criação e de instalação da nossa querida e amada Arquidiocese. Uma oportunidade de ouro para um olhar vocacional diferenciado. Há muitos anos que me entendo como animador e promotor vocacional¹. Hoje me sinto meio relapso neste serviço tão querido e tão bem rezado por Jesus: *“peçam ao Senhor da messe que envie operários para a sua messe”* (Mt 9,37).

2. Vocação se dá mais por atração do que por proselitismo. Mais por atos do que por palavras. O resto é propaganda e teatro. A arte de vocacionar e de promover as vocações é a arte do encantamento. Quanto mais se é encantado, mais se encanta e mais surgem vocações. E são variados os motivos de encantamento vocacional. A minha vocação vem de um tipo de encantamento. Eu me encantei com o momento de purificação do cálice na missa: eu queria beber daquela bebida e do jeito que o padre bebia, no caso o vinho no cálice. Eu nem sabia o que era.

3. Nas andanças que faço por este imenso Brasil, converso bastante sobre vocações. Nessas conversas, duas certezas me vêm em mente frequentemente: a primeira, há vocações onde há trabalho consistente de animação e de promoção vocacionais. E a segunda, o encantamento vocacional nasce no seio das paróquias, pelo testemunho e cultivo vocacional dos padres. Comumente as vocações não nascem de gerações espontâneas, como as ervas nos quintais. É na paróquia onde se dá os primeiros passos do encantar vocacional. A paróquia é local onde nasce a cultura vocacional e o cultivo das vocações. A paróquia é, portanto, o elo inicial e final da intermitente vicissitude vocacional. Ela é o ventre, a manjedoura e o berço onde são gestadas, cultivadas e animadas as vocações.

“Ele está fora de si”²

4. A breve teologia querigmática da vocação afirma que, em matéria de vocação, tudo é do Pai. O Pai é a origem de toda vocação. Ele é o autor da vida. E a vida é a primeira vocação. Jesus Cristo é a verbalização e a visualização deste chamado do Pai. Jesus é o primeiro promotor vocacional e o criador da cultura vocacional. É dele o mandato de orações pelas vocações (Mt 9,37). Ele chama, convida, acolhe, promove, cultiva e pede oração pelas vocações. E o Espírito Santo é a chama acesa para o ardor e o encantamento vocacionais. Ele é quem ajuda no discernimento, na animação e na distribuição dos serviços vocacionais e dos ministérios. Foi o Espírito Santo que acorrentou e indicou a Paulo o caminho da missão (At 16,6; 13,2-3; 21,11) e arrebatou João e Filipe para a missão (Ap 1,10; At 8,39).

5. Alguém inadvertidamente poderá dizer de mim o que disseram de Jesus: *“Ele está fora de si!”* Não estou falando de mim. Estou falando de Jesus. Gosto muito deste texto, segundo o qual, Jesus, em plena atividade missionária, recebe o comunicado de que sua família estava a sua

¹ Escrevi esta obra: **“Amo a minha vocação. As minhas 40 sedes vocacionais”**. E doei todos os direitos autorais ao Serviço de Animação Vocacional da nossa Arquidiocese.

² Escrevi um artigo sobre esta temática, intitulado de: **Vocação: “estar fora de si!”**, publicada na Revista Encontros Teológicos, Florianópolis, Maio-Agosto, 2023, V. 38, N. 2, P. 425-449: <https://doi.org/10.46525/ret.v38i2.1778>. Postado também em meu blog: dompedrobrito.com.br



procura porque, conforme lhe disseram: “*Ele está fora de si*” (Mc 3,21). Jesus, de fato, está sempre fora de si para cuidar das pessoas. Seu ego não é inflado e nem autorreferencial. Para mim este é o primeiro dos princípios vocacionais: esquecer-se de si para amar, reverenciar e servir a Deus e aos irmãos, com o coração indiviso. Não somos cristãos para ficar parado, mas para sair e ir; não para ganhar, mas para gastar; não para perder simplesmente, mas para adquirir sentido da vida; não para reter, mas para doar e doar-se.

6. “Estar fora de si” é sentir-se um peregrino de esperança. Peregrinar é a maneira de ser e de viver a identidade vocacional. Faço a experiência de Deus, melhor dizendo, Deus faz a sua experiência em mim, nessas constantes peregrinações. Neste mundo, somos todos peregrinos de esperança e mendicantes para a eternidade. Somos cidadãos do céu. Nossa pátria é o céu (Fl 3,20-21). Precisamos ter um pé na estrada e o outro na eternidade; um pé na realidade e outro no sonho, na sede, no desejo, no querer e no procurar. O discípulo de Jesus é alguém que vive porque é criado, amado e chamado por Deus para se inserir na realidade do mundo pelos valores da eternidade. Jesus mesmo foi alguém que fez a experiência de viver “fora de si” porque vivia totalmente mergulhado no mistério de Deus que tudo abraça, tudo transforma e a tudo dá sentido. A vocação, em minha vida, não é um enfeite, um acréscimo e um remendo. Para isto eu nasci: para amar, reverenciar e servir a Deus (Santo Inácio de Loyola). Vocação é semelhante à pérola preciosa e ao tesouro escondido, dos quais Jesus fala nas duas sábias, pequenas e belas parábolas (Mt 13,44-46).

7. Jesus “fora de si” é, portanto, a medida justa, completa e correta da vocação. Ele é o homem completo, total, perfeito, transparente e transcendente. “*Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano*” (SC 22). Ele rompe as barreiras, sai de si e vai além. Por estar fora de si, se deu inteiramente, “*uma vez por todas: Ephapax*” (Hb 9,28), a Deus, para a humanidade. Jesus fez a oblação completa de si mesmo, diferentemente dos antigos sacrifícios de bodes, de bezerros e de touros. Ele mesmo é o Cordeiro de Deus (Jo 1,29), imolado (Ap 13,8), santo, sem mancha, perfeito e íntegro (Hb 9,11-13). Ele, de fato, é provido de disponibilidade total e desprovido de apego de si mesmo. Ele não possuía o ego inflado. O apego desordenado atrofia o seguimento de Jesus e compromete a qualidade da missão. Seguir Jesus é deixar de viver para o eu; é descentrar-se, não ser mais o centro de nosso próprio projeto.

Palmas, ícone vocacional

8. Já verbalizei, diversas vezes, e os dados não me deixam mentir, que estamos passando por uma crise vocacional aqui em Palmas. Segundo afirmam os místicos e os contemplativos, não somos nós que olhamos para um ícone, é um ícone que olha para nós. O que se diz sobre o ícone, podemos dizer igualmente com relação a Palmas, qual ícone vocacional. Em outras palavras, não somos nós que olhamos para a crise vocacional, pela qual passa Palmas. É o próprio Deus que está olhando. O olhar primeiro é de Deus. O nosso olhar que contempla a crise vocacional é um segundo olhar. E a nossa solicitude vocacional não para encher Seminário, mas para chamar os que Jesus quis e quer, para estarem com ele e para serem enviados em missão (Mc 3,13ss). É responsabilidade da Igreja local prover as vocações para as necessidades pastorais da Igreja inteira, bem como das suas. O “*ide até os confins do mundo*” (Mc 16,15ss; Mt 28,19ss), do mandato missionário de Jesus, é para todos e para todas as vocações.



O que dizer mais, ou menos, e o que fazer mais?

9. A Arquidiocese de Palmas, no alto dos seus 29 anos de existência, ainda não está totalmente pronta. Ainda está lhe faltando um pedaço. Ainda existe um longo caminho a percorrer (1Rs 19,7). O que o Espírito diz a Felipe, diz também a nós, enquanto Igreja de Palmas: “*aproximate desse carro e acompanhe-o*” (At 8,29). Somos uma Igreja peregrina de esperança (Rm 5,5). Creio que todos nós queremos o bem da nossa Igreja. Mesmo se uns acham que é por aqui, outros por ali, outros por lá ou outros ainda por acolá. Vocação é símbolo e sinal de vitalidade e de saúde eclesial. Pergunto, diante da crise vocacional pela qual passamos: será que perdemos a capacidade e o poder de convocação e de encantamento da juventude? Como tirar Palmas da defensiva vocacional?

10. A palavra que nos guiou até agora, embora não tenha sido usada, foi a palavra *provocação* (*pro+vocação: chamar-nos em causa*). Diante da provocação exposta, precisamos tomar uma decisão. E decisão tem a ver com cisão (*de+cisão*). Embora sejamos um Igreja relativamente nova, viva, dinâmica, fraterna, pujante e em plena expansão geográfica, espiritual e missionária, temos ainda um grande déficit vocacional. No entanto, devemos cuidar para não disseminar mais opiniões que não condizem com a realidade. Não venham me dizer que não temos vocação porque não tratamos bem os vocacionados. Basta para isto ver o volume de recursos que investimos anualmente; bem como os encontros vocacionais, os estágios pastorais, as experiências missionárias e as semanas de convivências com os seminaristas e vocacionados.

11. Como legado do nosso querido Papa Francisco, de saudosa memória, concluo com esta palavra que certamente traduz todo o seu vasto ensinamento teológico-pastoral: *proximidade de Deus, do bispo, dos padres e do povo*³. A crise vocacional, pela qual passamos, não é mais por falta de proximidade e de testemunhos, de trabalho de animação vocacional e de oração pelas vocações? De que menos e que mais? Fato é que não estamos falando ao coração da juventude. O que mais nos resta fazer? Por que fazer? Quais são os reais motivos? Onde estão os gargalos e impedimentos? Trabalhar mais? Testemunhar mais? Rezar mais? O que mais?

12. Lembremo-nos de que rezar pelas vocações não é lembrar ao um Deus distante, esquecido ou indiferente de que precisamos de vocação. É exatamente o contrário. É lembrar-nos. Nós é que, às vezes, estamos distantes, esquecidos e indiferentes. É isto o que afirma esta pérola vocacional: “toda vocação é graça sua”. Assim seja!

Eu amo a minha vocação!

Dom Pedro Brito Guimarães
Arcebispo de Palmas

³ Papa Francisco, “*Quatro “proximidades”, os pilares para uma vida sacerdotal no estilo de Deus*”, Discurso proferido, na Sala Paulo VI, no Vaticano, no Simpósio “Por uma teologia fundamental do sacerdócio”, promovido pela Congregação para os Bispos, em Vatican News, 17/02/2023. “*Proximidade aos últimos, uma das qualidades de Deus*”, Discurso proferidos, na Sala Clementina, no Vaticano, aos membros da “Assifero”: Associação Italiana de fundações e Organizações Filantrópicas, em Vatican News, 26/01/2023.